

ÍNDICE

ATO PRIMEIRO:	9
ATO SEGUNDO:	85
ATO TERCEIRO:	151
ATO QUARTO:	208
ATO QUINTO:	260
Nota Editorial:	309

MOLIÈRE



O AVARENTO

Tradução de
ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO*

PESSOAS

HARPAGÃO DE SOUSA — Empregado no Paço. Viúvo, com um filho e uma filha; 60 anos puxados. Gênio ríspido. Fato antiquário e rafado; com seu hábito de Cristo. Botas de borla. Cabeleira estupentada, e de rabicho. Cangalhas no nariz. No dedo um belo anel de brilhantes.

JÚLIO DE SOUSA — Filho de Harpagão. Rapaz esbelto e puxado; 25 anos. Amante de D. Mariana.

TOMÁS — Criado particular, e confidente de Júlio.

D. LUÍSA DE SOUSA — Filha de Harpagão. Cerca de 20 anos. Gênio amorável. Traje singelo.

SEBASTIÃO — Cozinheiro e cocheiro de Harpagão. Velhaco descambado. Por baixo do sobretudo de cocheiro traz encoberto o avental de cozinha.

MEALHADA — Outro criado de Harpagão, mais ordinário que o precedente.

CLAUDINA — Criada da casa de Harpagão. Mulher quarentena, vestida mais à saloia que à cidade; com seu avental de riscado e lenço amarrado na cabeça. Não fala.

ANSELMO — Negociante rico, e orçando pelos seus 60. Vestuário sério e de luto. Noivo destinado por Harpagão a D. Luísa. Modos graves e afidalgados.

DUARTE — Mancebo de menos de 30 anos. Esperto e simpático. Fingindo mordomo em casa de Harpagão, e amante oculto e correspondido de D. Luísa de Sousa.

D. MARIANA — Menina de 26 anos. Senhoril e naturalmente melancólica, trajada de preto, sem galas de espécie alguma.

GUIOMAR DOS ANJOS — Velha casamenteira, adela espertalhona e de grande lábia. Vestido de roda. Grandes arrecadas e cordão de ouro.

SIMÃO FORTUNA — Traficante de agências de todo o gênero.

FELISBERTO — Escrivão do regedor.

DESCRIÇÃO DO TEATRO EM TODOS OS CINCO ATOS

Sala em casa de Harpagão.

Ao fundo porta larga e envidraçada entre duas janelas de peitos, olhando todas três para o quintal da casa, que fica no mesmo plano. Nas vidraças há seus vidros quebrados e supridos com papel. Duas portas do lado direito; do esquerdo outras duas em correspondência.

A primeira da direita, que é a da rua, tem rodízio de campainhas, sendo o peso da corda uma pedra tosca.

A segunda dá para a casa do jantar, cozinha, quartos de criados, etc.

A primeira da esquerda para os aposentos de Júlio e Harpagão.

A segunda para o de D. Mariana.

Ao canto direito do topo da casa, mesa com tinteiro de chumbo, penas e um caderno de papel. Diante desta mesa, um biombo roto.

Entre as duas portas da esquerda, outra mesa ordinária de pinho pintado, e sobre ela dois castiçais desirmanados, com velas de sebo meio gastas.

Duas ou três cadeiras ordinárias dum e doutro lado.

Entre a primeira e segunda porta da direita, um espelho muito falto d'aço.

Pendente do teto, por uma corda ao meio da sala, um candeeiro de três bicos apagado.

ATO PRIMEIRO

CENA I

DUARTE

Luísa! pois a alegria
que me entrou co teu amor,
fez-se em ti melancolia!
Que mistério! a que vem dor?
Suspiras! por que suspiras?
Arrependes-te? é pesar
de teres feito acabar
a minha isenção?

LUÍSA

Deliras,
meu caro injusto Duarte;
e és um mau: não, não mudei:
amei-te, amo-te, hei-de amar-te,
sempre, sempre; mas não sei
o que o peito me adivinha.
Não me pesa do que fiz,
mas esta imprudência (*a minha*)
terá desfecho feliz?
De tudo o que eu mais receio
é que este amor que arde aqui
me desgrace um dia.

DUARTE

Creio

que ou sonho, ou zombas! Em ti
caber tal pressentimento!
pois há razão?!...

LUÍSA

Mil razões:

Um pai de gênio violento,
o mundo, as murmurações
de estranhos e de parentes...
e mais que tudo: o poder,
isso que hoje por mim sentes,
vir ainda a arrefecer.
Mudar e mudar de escolhas
diz que é nos homens pensão;
como do álamo as folhas,
reza a trova, os homens são.

DUARTE

Os mais sejam muito embora
volúveis, falsos, cruéis;
o coração que te adora,
Luísa, é dos mais fiéis.
Enquanto a vida me dure,
juro que hás-de aqui reinar.

LUÍSA

Não há nenhum que não jure;
e as juras leva-as o ar.
Querem-se obras, não palavras.

DUARTE

As minhas te farão ver
que na sentença que lavras
fazes mal em me abranger.

LUÍSA

Não abranjo; sou contente
de entregar-me à tua fé.

DUARTE

Junto a um anjo é vil quem mente;
e Duarte um vil não é.

LUÍSA

Não por certo; desta parte
descansar já quero enfim.
Hás-de amar-me, e eu sempre amar-te;
por ti o juro, e por mim.
Entretanto... (*à parte*) Não me atrevo.

DUARTE

Fala! debes tudo expor.

LUÍSA

Sim, bem sei, bem sei que devo...
mas é custoso.

DUARTE

Valor!

Se tu sabes que eu te adoro,
e sou teu, e todo teu...
que receias? coras!

LUÍSA

Coro.

DUARTE

Assustas-me; fala!

LUÍSA

Se eu...

pudesse, como desejo,
fazer que os olhos dos mais
te vissem qual eu te vejo!...

Se os teus méritos reais
pudessem ser conhecidos
de toda a gente!... (*oxalá!*)
Se soubessem quão devidos
te são meus afetos!...

DUARTE

Vá;

conclui; não vês que me assusta,
Luísa, essa indecisão?

LUÍSA

Diriam que eu fora injusta,
e um monstro de ingratidão,
se o que tu por mim tens feito,
e estás fazendo por mim,
não no pagasse este peito
como o paga. Mas assim,
quando ninguém te avalia
mais que eu só, quando ninguém

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

